

Para além das sete tradições da teoria da comunicação: Entrevista com Robert T. Craig

Beyond the seven traditions of communication theory: interview with Robert T. Craig

Robert T. Craig

robert.craig@colorado.edu

Professor Doutor Emérito de Comunicação da University of Colorado.

Otávio Daros

otavio.daros@gmail.com

Doutorando em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e membro do Laboratório de História da Comunicação e Mudança da Mídia da Universidade de Bremen.

1 Introdução

Robert T. Craig é referência entre os acadêmicos norte-americanos no campo de estudo das teorias da comunicação. Nascido em 1947 na cidade de Rochester, Nova York, tornou-se professor emérito da University of Colorado Boulder, em cujo corpo docente ingressou em 1990. Antes, lecionou na Pennsylvania State University, University of Illinois at Chicago e Temple University. Foi presidente da International Communication Association (ICA), editor fundador da *Communication Theory* e coeditor da *International Encyclopedia of Communication Theory and Philosophy*.

Nesta entrevista, Craig reflete sobre seu legado enquanto teórico da referida área, em especial no que concerne às suas propostas de metamodelo constitutivo da teoria da comunicação e filosofia da comunicação como disciplina prática. Por teoria da comunicação entende-se “um metadiscorso especializado que é relativamente abstrato e geral, e que interage com o metadiscorso comum que constitui e regula a prática da

comunicação na vida cotidiana”, conforme exposto por ele ao longo da conversa.

Na década de 1990, o autor destacou-se por elaborar síntese reflexiva identificando sete tradições da teoria da comunicação. A partir disso, discute o modo como a comunicação tem sido pensada dentro de cada tradição, bem como as possibilidades e limitações para um diálogo entre elas. Abaixo, recupera-se o eixo central desse metamodelo, a fim de melhor situar o leitor e a leitora no tema em desenvolvimento:

Quadro 1 – As sete tradições da teoria da comunicação¹

	Comunicação teorizada como
Retórica	Arte prática do discurso
Semiótica	Mediação intersubjetiva por signos
Fenomenológica	Experiência de alteridade
Cibernética	Processamento de informação
Sociopsicológica	Expressão, interação e influência
Sociocultural	(Re)produção da ordem social
Crítica	Reflexão discursiva

Fonte: Craig, 1999.

¹ Craig (1999) argumenta que o campo está aberto a outras tradições: feminista, estética, econômica e espiritual são exemplos de casos que poderiam ser incluídos no quadro, na medida em que for evidenciado que elas representam teorizações distintas da prática comunicativa. Década mais tarde, Craig (2007) veio a acrescentar a tradição pragmática, sistematizada a partir do trabalho de Chris Russill (2008), e, depois, Marc Rich (2015) veio a discorrer sobre a tradição denominada espiritual.

OD: *De início, o senhor poderia falar da sua trajetória intelectual, explicitando quais foram suas fontes de inspiração ao longo da pós-graduação na universidade norte-americana, e como seus interesses de estudo mudaram com o tempo?*

RC: Sempre pensei que iria crescer e me tornar um advogado, mas durante meus anos de graduação na University of Wisconsin – Madison, me tornei um estudioso, porque me apaixonei pela teoria da comunicação. Naquela época, no final dos anos 1960, a comunicação era um tema em alta em todas as disciplinas. Na minha formação em artes liberais, fiz disciplinas de ciências, literatura, filosofia, ciências políticas, sociologia, etc., cada uma em um curso diferente, mas a comunicação teve um grande papel na maioria delas. A filosofia tratava da linguagem e do significado; a ciência política tratava de sistemas cibernéticos e símbolos políticos; a psicologia social tratava de persuasão e interação social, e assim por diante. Minha primeira disciplina de teoria da comunicação, que envolveu todos esses cursos e mais, foi onde tudo parecia se encaixar. A comunicação estava no centro de tudo! No departamento de linguagem, fiz disciplinas de teoria retórica, que, claro, também eram sobre comunicação, mas teoria da comunicação era uma disciplina separada. O departamento era dividido entre estudiosos humanistas que estudavam retórica e cientistas sociais que chamavam seu tema de “comunicação”, e eu oscilava entre os dois. Os estudos retóricos tinham profundidade filosófica e envolviam-se com problemas normativos importantes do discurso público, enquanto os estudos de comunicação pareciam mais atualizados e científicos, e cobriam toda a extensão da comunicação, do interpessoal ao de massa. Foi quando comecei a pensar sobre problemas como a natureza da teoria, a relação entre o conhecimento normativo e o empírico, e o propósito de uma disciplina de comunicação.

Decidi, no entanto, fazer pós-graduação no departamento de comunicação da Michigan State University, onde mergulhei nas ciências do comportamento e cursei disciplinas de estatística, modelagem matemática, análise de rede, construção de teoria, psicologia social e comunicação interpessoal, entre outras. Ganhei notoriedade com meu Ph.D. como um cientista da comunicação quantitativa em 1976, e consegui meu primeiro emprego na Pennsylvania State University em um departamento de comunicação que, como o departamento da Wisconsin, era nitidamente dividido entre um grupo dominante de retóricos humanistas e um menor de cientistas da comunicação. Ao ter de novo aquele “choque cultural” acadêmico, fui levado de volta às mesmas questões filosóficas, teóricas e metodológicas sobre a disciplina de comunicação que começaram a me envolver na graduação. Acho

que não cabe aqui um relato detalhado de meu desenvolvimento intelectual nas décadas seguintes. Conteí partes dessa história em publicações anteriores (Craig, 2006, 2021). Por enquanto, deixe-me apenas dizer que minha luta contínua com essas questões inspirou muito do meu trabalho subsequente sobre teoria prática, comunicação como uma disciplina prática, o metamodelo constitutivo da teoria da comunicação e metadiscorso.

OD: *Uma de suas primeiras e mais significativas contribuições se encontra no artigo **Communication as a practical discipline** (1989). Recentemente, essa reflexão foi retomada em **For a practical discipline** (2018a). Como o senhor tem descrito a comunicação como disciplina prática e a distinguido de outras disciplinas, considerando seu objeto de estudo?*

RC: O conceito de disciplina prática está no centro do meu trabalho há mais de 30 anos. A ideia se desenvolveu ao longo do tempo conforme eu revisei e elaborei vários de seus aspectos, mas meu argumento central sempre foi que podemos usar o conceito de disciplina prática para dar sentido ao nosso campo de estudo muito diverso e atualmente muito fragmentado, para focar nossas atividades coletivas em uma função essencial: cultivar a prática da comunicação na sociedade. Tenho argumentado que todos os elementos do campo da comunicação, incluindo pesquisa científica, humanística e crítica, educação profissional e técnica, estudos aplicados, etc., podem contribuir de diferentes maneiras para nosso propósito essencial, identidade e legitimidade como disciplina. O conceito de disciplina prática remonta historicamente à filosofia prática de Aristóteles e sua maneira de distinguir disciplinas práticas, como ética e política, de disciplinas produtivas, como construção naval e poesia, e de disciplinas científicas, como física e psicologia. A comunicação pode ser estudada em todas as três formas – como conjunto de práticas que requerem deliberação cuidadosa e bom senso, como conjunto de tecnologias e habilidades para produzir coisas como mensagens, e como conjunto de fenômenos naturais que podem ser investigados empiricamente. No entanto, defendo que essas diferentes formas de investigação podem ser buscadas de maneira mais proveitosa quando a dimensão prática da comunicação é colocada em primeiro plano como nosso objeto de conhecimento, que pode integrar e orientar nossos estudos técnicos e científicos.

OD: *Conceber a comunicação como uma disciplina prática significa dizer que não se trata de uma disciplina estritamente científica? No caso, o senhor acredita ser inadequado falarmos em termos de uma “ciência da comunicação”?*

RC: Uma disciplina prática moderna também deve ser uma disciplina científica porque o conhecimento empírico e as teorias explicativas podem ser de enorme importância prática. Aqueles que desejam estudar os fenômenos da comunicação e da mídia como uma ciência da comunicação “pura” devem ser livres para fazê-lo, mas também é importante que eles ou outros estudiosos, em uma disciplina prática, reflitam criticamente sobre as implicações normativas deste trabalho. Por exemplo, a pesquisa científica “pura” que mostra como as redes sociais online estão influenciando a política democrática pode informar o pensamento sobre políticas regulatórias, bem como práticas de campanha política, etc. Além disso, os cientistas da comunicação podem escolher problemas de pesquisa com o propósito mais amplo de uma disciplina prática em mente. Cientistas da comunicação proeminentes, como Wolfgang Donsbach (2006), Russell Neuman (2016) e Klaus Bruhn Jensen (2021), argumentaram que os cientistas da comunicação devem focar suas pesquisas em questões empíricas que são relevantes para problemas normativos na prática da comunicação, incluindo problemas de democracia, pluralismo e justiça social. Esta é uma maneira de prosseguir os estudos científicos da comunicação, ao mesmo tempo que contribui para uma disciplina prática.

OD: *E de que modo a sua proposição se aproxima ou se distancia das discussões recentes sobre a comunicação constituir um tipo de pós-disciplina, configurada pela falta de núcleo teórico e diversidade temática?*

RC: Os debates sobre se a comunicação é um campo interdisciplinar ou uma disciplina “emergente” têm durado décadas sem uma resolução clara. À medida que a consolidação institucional dos estudos de comunicação e mídia progrediu, acredito que a visão disciplinar ganhou espaço, embora nosso campo obviamente continue a ser muito diverso e fragmentado, sem um núcleo intelectual geralmente reconhecido. A posição “pós-disciplinar” avançada recentemente por Silvio Waisbord (2019) propõe alavancar a crescente força institucional da disciplina de comunicação junto com a diversidade intelectual do campo para produzir um novo tipo de formação acadêmica, que é mais dinâmica e inovadora do que as disciplinas tradicionais. Nessa visão, nosso bagunçado pluralismo acadêmico e nossa habitual livre “itinerância” entre as disciplinas estão entre as virtudes de uma pós-disciplina, não sendo uma fonte de fraqueza. Waisbord sugere que o campo da comunicação se envolva com os problemas sociais contemporâneos e desenvolva estruturas integrativas em diferentes áreas, a fim de resistir à tendência de hiperespecialização. Ele pontua, no entanto, que uma estrutura disciplinar fortemente unificada não é apenas desnecessária para o nosso

campo prosperar, mas seria contraproducente, mesmo se fosse possível alcançá-la.

Meu trabalho sobre comunicação como disciplina prática se propõe a unificar o campo sob o amplo propósito disciplinar de cultivar a prática da comunicação na sociedade, desenvolvendo conhecimentos práticos, deliberando sobre problemas de comunicação e intervindo no metadiscursos sobre comunicação que circula na sociedade (Craig, 2018a), mas não é uma prescrição muito restritiva. Não requer uma estrutura disciplinar rígida, mas sim enfatiza que as diversas pesquisas e atividades educacionais do campo, tradições teóricas e abordagens metodológicas, todas têm algo útil para contribuir para seu propósito disciplinar essencial, se entendidas sob essa luz. Mesmo assim, não tenho a ilusão de que essa visão de uma disciplina prática venha a se tornar hegemônica. Na visão pós-disciplinar de Waisbord, a ideia de uma disciplina prática pode servir como uma estrutura integrativa para concentrar algumas de nossas atividades nos problemas sociais contemporâneos, mesmo que nunca seja universalmente adotada para definir a disciplina de comunicação. A esse respeito, acho que o termo “pós-disciplina” descreve nossa situação real razoavelmente bem, mas acho que o mesmo pode ser dito sobre muitos outros campos acadêmicos no atual momento, incluindo disciplinas tradicionais como sociologia e antropologia.

OD: *Para muitos estudiosos, a força dos estudos de comunicação está justamente no seu diálogo – e dependência – com outros campos, como o da sociologia e da antropologia. Por outro lado, há aqueles que reivindicam autonomia para as “ciências da comunicação”. Qual é a sua posição neste debate sobre um campo autônomo ou dependente? Sua visão mudou desde a década de 1970?*

RC: Autonomia? Cada disciplina pode ser única em alguns aspectos, mas nenhuma disciplina é independente das outras. Todas elas se sobrepõem umas às outras, tomam emprestado de outras e se fragmentam indefinidamente em subcampos e abordagens divergentes, em parte sob a influência de outras. Partes da psicologia agora são indistinguíveis da neurociência. Partes da economia tornaram-se ramos da psicologia. A teoria econômica domina as áreas da sociologia. A antropologia usa sequenciamento de genes, datação por carbono, modelagem econômica e análise de conversação. Da mesma forma, nenhuma disciplina “possui” exclusivamente seu objeto nominal de estudo. Nem todo mundo que estuda a sociedade está propriamente fazendo sociologia, nem todo mundo que estuda comportamento é psicólogo, e nem todo mundo que estuda comunicação é ou será propriamente um estudioso da comunicação. Nessa realidade fluida, não precisamos nos preocupar com o fato de que, por ela se tornar

uma disciplina “autônoma”, iremos nos privar do diálogo e da interdependência com outros campos. Não me lembro claramente como pensei essa questão nos anos 1970, mas mais tarde desenvolvi a ideia de “conversa entre disciplinas”, em que cada disciplina se vale de uma certa combinação de recursos retóricos para afirmar sua “voz” distinta (Craig, 2008). Nessa visão, nenhuma disciplina tem uma identidade clara além do diálogo contínuo entre as disciplinas.

OD: *Em Why are there so many communication theories? (1993), o senhor parece levantar dúvida a respeito de quanto o crescimento da produção acadêmica tem contribuído efetivamente para tornar o campo mais esclarecido, visto que ainda faltaria entre os estudiosos até mesmo um vocabulário coeso para discutir o que se enuncia como teoria da comunicação. Então, gostaria de começar por uma questão de definição: o que o senhor entende por teoria da comunicação?*

RC: Eu não acho que argumentei naquele artigo que a produção de novas teorias falha em iluminar o campo. Meu ponto era que a diversidade epistemológica das teorias da comunicação que estavam sendo produzidas deveria nos fazer questionar nossas suposições tradicionais sobre a teoria. Estava tentando abrir um espaço no campo para a discussão de novos conceitos de teoria, como a teoria prática, que eu havia proposto na década de 1980 (Craig, 1989). Estava respondendo, em parte, a cientistas da comunicação como Charles R. Berger (1991), que reclamaram que os cientistas da comunicação não estavam produzindo teorias originais, mas continuavam a confiar em teorias emprestadas da psicologia social e de outros campos. A isso eu respondi que os estudiosos da comunicação estavam produzindo trabalhos teóricos originais fora dos limites estreitos da definição de “teoria” de Berger, mas que, para apreciar o que eles estavam fazendo, devemos expandir nosso conceito de teoria². O conceito expandido de teoria é algo em que venho trabalhando há várias décadas. A partir de agora, defino a teoria da comunicação como um metadiscorso especializado (discurso sobre comunicação) que é relativamente abstrato e geral, e que interage com (influencia e é influenciado por) o metadiscorso comum que constitui e regula a prática da comunicação na vida cotidiana. Esta definição enfatiza o fluxo vital do discurso entre teoria e prática para cultivar a prática da comunicação, e é ampla o suficiente para incluir as teorias científicas empíricas que Berger favoreceu, junto com formas interpretativas, críticas e

explicitamente práticas de teoria que não contariam como teoria na opinião dele.

OD: *Naquela época, a International Communication Association estava inaugurando a Communication Theory, publicação da qual o senhor é um dos editores fundadores. Como ocorreu a fundação da revista em 1991, e o que isto representou para o desenvolvimento dos estudos de comunicação?*

RC: Embora os primeiros números da *Communication Theory* tenham surgido em 1991, a história da fundação da revista remonta a debates que já ocorriam na ICA na década de 1980 sobre a falta de um núcleo teórico distinto na comunicação. A falta de teorias centrais da comunicação foi atribuída, em parte, como mencionei anteriormente, à nossa tendência de tomar emprestadas teorias de outras disciplinas sem desenvolver teorias próprias. A falta de um núcleo também foi atribuída a uma “lacuna” entre as subdisciplinas de comunicação de massa e comunicação interpessoal, de tal forma que cada um desses subcampos se desenvolvia isoladamente, sem teorias gerais da comunicação para conectá-los. Havia também uma conscientização dos paradigmas teóricos concorrentes na disciplina, à medida que surgiam abordagens críticas e interpretativas para desafiar o paradigma quantitativo dominante das ciências sociais. Esses problemas foram debatidos em várias edições especiais de periódicos de comunicação e na conferência da ICA de 1985 em Honolulu, Havaí, cujo tema era *Paradigm Dialogues*.

Foi no contexto desses debates que o conselho administrativo da ICA, em suas reuniões de 1987-1988, decidiu criar um novo periódico denominado *Communication Theory*. Naquela época, os membros da ICA recebiam assinaturas de duas revistas. Uma era o *Journal of Communication*, publicado pela Annenberg School da University of Pennsylvania e focado quase exclusivamente em estudos de mídia e comunicação de massa, e a outra era a *Human Communication Research*, publicada pela Sage para a ICA e focada principalmente na pesquisa quantitativa em comunicação interpessoal. O objetivo da nova revista da ICA, a *Communication Theory*, era publicar trabalhos teóricos originais sobre comunicação em todos os paradigmas e todas as áreas do campo, incluindo teoria geral que começaria a preencher o núcleo teórico vazio da disciplina.

O projeto para a *Communication Theory* foi finalmente aprovado em maio de 1988, e uma convocação para a nomeação de editores foi anunciada. Enviei minha inscrição mais tarde naquele verão e tive a sorte de ser selecionado pelo comitê de publicações e aprovado pelo conselho administrativo da ICA, em novembro de 1988, para ser o editor fundador, responsável pelos três primeiros

² O debate com Berger foi traduzido para o português: ver Martino, Craig e Berger, 2007.

volumes. Nos dois anos seguintes, antes que o primeiro número fosse publicado, ocupei-me da preparação e da gestão do processo editorial da revista, supervisionando a criação do design gráfico e estabelecendo os arranjos para a publicação. Descrevi essas fases do desenvolvimento da revista com mais detalhes em uma entrevista anterior (Boromisza-Habashi, 2013).

Mas respondendo a sua pergunta sobre o que a fundação deste periódico significou para o desenvolvimento da pesquisa em comunicação, eu acho que a *Communication Theory* impulsionou com sucesso o crescimento de trabalhos teóricos originais no campo da comunicação, embora nunca tenha se tornado o carro-chefe que seus fundadores imaginaram. A disciplina ainda carece de um núcleo teórico, mas há mais consciência da teoria da comunicação como um campo e da gama de trabalhos que ela contempla, e estamos criando mais e melhores teorias do que antes.

OD: *Em Communication theory as a field (1999), publicado nesta revista, o senhor concordou com a afirmação de James Anderson de que a comunicação não é um campo de estudos coerente ainda. Ao mesmo tempo, o senhor dizia acreditar que um campo com esta qualidade surgiria à medida que os estudiosos se tornassem teóricos comprometidos com objetivos e questões socialmente relevantes, que permeiam as várias tradições de pensamento que nos dividem. Avalia que o campo avançou nesse sentido e adquiriu maior coerência?*

RC: Não sei se o campo da teoria da comunicação se tornou muito mais coerente desde 1999. A análise de conteúdo de livros didáticos de teoria da comunicação de Anderson (1996) descobriu que todos eles apresentavam diferentes grupos de teorias, com pouca ou nenhuma sobreposição entre os livros. Se repetíssemos o estudo de Anderson hoje, encontraríamos mais concordância entre os livros didáticos atuais em relação ao conteúdo padrão da área? Nesse caso, isso pode indicar algum grau de coerência. Como mencionei anteriormente, acho que os estudiosos do campo se tornaram, de modo geral, mais cientes das diferentes tradições e abordagens teóricas do que na década de 1990, mas acho que ainda falta diálogo sobre essas diferenças. Outra forma de medir a coerência seria perguntar: “Quais são as questões importantes que os teóricos da comunicação em todo o campo estão debatendo atualmente?” O debate continua dentro dos subcampos e abordagens, mas há alguma questão que envolve todo o campo? De imediato, não consigo pensar em nenhuma. Existem diferenças que permeiam muitas áreas, por exemplo: empirismo científico *versus* teoria crítica, mas há pouco diálogo sobre essas diferenças. Os recentes apelos à desocidentalização ou descolonização

da comunicação levantam questões teóricas que potencialmente dizem respeito a todo o campo, mas quantos de nós estamos discutindo isso? Em comum, parece que hoje, como em 1999, os teóricos da comunicação não concordam nem discordam sobre muita coisa, mas geralmente se ignoram.

OD: *Neste ensaio clássico, o senhor apresentou uma síntese de diferentes vertentes teóricas dos estudos de comunicação a partir de sete tradições: retórica, semiótica, fenomenológica, cibernética, sociopsicológica, sociocultural e crítica. Duas décadas mais tarde, o senhor considera que este quadro se mantém válido para dar conta da expansão e diversificação do campo?*

RC: As sete tradições nunca tiveram a intenção de compor um modelo final e abrangente do campo. Elas foram construídas para ilustrar a possibilidade de diálogo no campo, com base nos princípios do metamodelo constitutivo da teoria da comunicação. Desde o início, foi assumido explicitamente que o metamodelo estava aberto ao debate sobre sua estrutura e que mudaria com o tempo. Além disso, as sete tradições nunca tiveram a intenção de representar áreas subdisciplinares dos estudos de comunicação. As tradições representam concepções fundamentais da comunicação, que não correspondem necessariamente às áreas subdisciplinares de estudo existentes atualmente. É por isso que não faria sentido adicionar uma “tradição de comunicação intercultural” ou uma tradição de “mídia digital” ao metamodelo. Essas são áreas de estudo atuais, mas não conceitos de comunicação fundamentalmente distintos.

Com essas ressalvas, penso que o quadro de 1999 permanece válido porque as concepções fundamentais de comunicação que apresenta ainda constituem pontos de vista alternativos viáveis, a partir dos quais é possível enquadrar os problemas da comunicação e teorizar a prática da comunicação. No entanto, existem muitas outras possibilidades a serem exploradas. Desde 1999, pelo menos duas tradições adicionais e outras modificações ao metamodelo foram propostas. Algumas dessas revisões são discutidas em um volume recentemente editado por Marc H. Rich e Jessica S. Robles (2021). Minha contribuição para o livro inclui a sugestão de que não é necessário que o campo concorde com um único conjunto “oficial” de tradições, mas que os teóricos devem aplicar os princípios do metamodelo constitutivo de maneiras mais flexíveis, por exemplo, ao selecionar e ao definir diferentes conjuntos de tradições para fins analíticos específicos. Foi o que fiz em um artigo recente sobre o pluralismo como um problema de comunicação (Craig, 2018b), em que defini quatro tradições de comunicação pluralista, nenhuma das quais corresponde exatamente a qualquer

tradição do quadro de 1999. A antiga proposta continua válida, mas não deve nos impedir de explorar outras visões da comunicação.

OD: *Como o senhor detalhou também em **Theorizing communication: readings across traditions** (2007), cada tradição está vinculada a uma ideia específica sobre comunicação. Mas essas tradições certamente não moldaram a pesquisa em comunicação com a mesma intensidade, variando conforme o contexto e a época. Quais seriam hoje as tradições predominantes nos Estados Unidos?*

RC: Cada tradição definida em meu artigo de 1999 ainda é praticada hoje, o que é evidenciado pela continuação da retórica, semiótica, fenomenologia, cibernética e assim por diante, como tópicos teóricos e campos acadêmicos. Claro, as sete tradições não são todas igualmente influentes hoje na pesquisa de comunicação, e muitas pesquisas atuais não são facilmente colocadas em qualquer uma dessas tradições. Por exemplo, a teoria crítica pós-estruturalista é influenciada por conceitos semióticos, fenomenológicos, socioculturais e retóricos, bem como por concepções críticas de comunicação. O pós-estruturalismo talvez deva ser definido como uma tradição por direito próprio, se concluirmos que constitui uma concepção fundamentalmente distinta de comunicação. No entanto, das sete tradições definidas em 1999, acredito que as dominantes agora, especificamente na pesquisa dos Estados Unidos, são a sociopsicológica e a crítica. A grande divisão em nosso campo é entre a ciência da comunicação empírica e os estudos crítico-humanísticos. O campo da retórica ainda floresce, mas a tradição retórica, como a defini em 1999, perdeu influência. A maioria dos retóricos agora parece se considerar estudiosos críticos. A *Critical and Cultural Studies Division* é agora o maior grupo de interesse da National Communication Association (EUA), e vários outros grupos de interesse da NCA também se alinham com os estudos críticos. No entanto, a ciência da comunicação empírica também está crescendo rapidamente e as concepções psicossociais de comunicação continuam a desempenhar um papel central, junto com os conceitos cibernéticos relacionados à cognição e ao processamento de informações. A ciência da comunicação também deu uma forte guinada em direção às abordagens biológicas, e alguns agora argumentam que a biologia deve ser reconhecida como uma tradição distinta da teoria da comunicação.

OD: *Muitos acreditam que tradicionalmente a concepção predominante entre os pesquisadores norte-americanos é da comunicação enquanto transmissão de informação. Estando inserido nesse contexto, o senhor, então, não vê assim?*

RC: Não tenho certeza de qual é o entendimento dominante de comunicação entre os pesquisadores dos EUA, mas acho que a maioria concordaria que o modelo tradicional de transmissão de comunicação é simplificado demais. A definição oficial de comunicação no site da National Communication Association é a seguinte: um “modelo transacional de comunicação” em que “as pessoas usam mensagens para gerar significados dentro de vários contextos e entre eles”. A ênfase na definição de comunicação mudou da transmissão de informações para a produção interativa de significado no contexto, com a mídia como uma parte importante do contexto. Essa mudança está relacionada ao surgimento e declínio de diferentes tradições teóricas que acabamos de discutir, e é geralmente consistente com o metamodelo constitutivo da teoria da comunicação que propus.

OD: *A respeito da tradição retórica, a comunicação seria concebida aqui como a arte prática do discurso. Como a ideia cultivada pelo senhor do fenômeno se relaciona com esse entendimento?*

RC: A teoria retórica foi uma parte importante da minha formação na graduação, como mencionei antes, e influenciou profundamente meu pensamento sobre a teoria da comunicação e os estudos da comunicação em geral. A disciplina moderna de comunicação pode remontar suas origens à antiga arte grega da retórica. Para Aristóteles, a retórica, a arte da persuasão, era um desdobramento da disciplina prática da política. Eu concebo uma relação semelhante entre a disciplina prática moderna da comunicação e as várias artes e ramos técnicos dos estudos da comunicação, incluindo a arte da retórica, que são seus desdobramentos. No mundo moderno, a comunicação se tornou um campo complexo de prática social que se estende além da política para todos os aspectos da vida social e pessoal, e as artes e tecnologias de comunicação proliferaram em conformidade com isso. Precisamos de uma disciplina prática de comunicação para deliberar sobre problemas normativos na prática da comunicação, assim como a disciplina prática aristotélica da política governou idealmente o uso normativo de seu desdobramento técnico, a arte da retórica.

O metamodelo constitutivo da teoria da comunicação também se baseia na tradição retórica. No metamodelo, a própria teoria da comunicação é uma arte do discurso que apela para crenças comuns sobre a comunicação e desenvolve linhas de argumentação para deliberação e debate sobre problemas de comunicação. Nesse sentido, a retórica, embora apenas uma das sete tradições da teoria da comunicação no metamodelo, também é um elemento no desenho do metamodelo como um todo. No entanto, o mesmo pode ser dito de outras tradições. Todas as sete

tradições contribuíram para o desenho do metamodelo, assim como uma adição posterior, a oitava tradição do pragmatismo (Craig, 2007). Como tradição da teoria da comunicação, a retórica nos fornece uma concepção fundamental de comunicação que existe em diálogo e debate com outras concepções fundamentais das tradições da semiótica, da cibernética e assim por diante.

OD: *Em comum, as correntes mencionadas se originaram do pensamento europeu; ao mesmo tempo, sabe-se que as teorias da comunicação foram desenvolvidas, em sua maioria, por acadêmicos norte-americanos e europeus, que tendem a destacar justamente as tradições de seus respectivos países. Tendo em vista isso, estudiosos latino-americanos passaram a falar em termos de decolonização do pensamento comunicacional. Como o senhor observa esse movimento de reivindicação dos saberes fora da órbita anglo-saxã? Vê algum risco de apagamento das matrizes que fundamentam as tradições de teoria da comunicação?*

RC: As culturas estão sempre evoluindo; portanto, seja o que for que “decolonização” signifique neste contexto, não pode ser um retorno a alguma epistemologia indígena pré-colonial pura. O projeto de desocidentalizar ou descolonizar a teoria da comunicação enfrenta um paradoxo se as próprias ideias de “comunicação” e “teoria” forem consideradas imposições ocidentais, o que, em certo sentido, são. Mas você não pode ter “teoria da comunicação indígena” sem algumas concepções de “comunicação” e “teoria”. Diante disso, não precisamos nos preocupar em “apagar as matrizes que fundamentam as tradições da teoria da comunicação”. Essas matrizes continuarão disponíveis para qualquer uso que os estudiosos da comunicação moderna, incluindo acadêmicos comprometidos com a descolonização do campo, decidam fazer delas. O desenvolvimento de tradições da teoria da comunicação enraizadas em culturas não ocidentais é um movimento inteiramente positivo, na minha opinião. Não diminuirá a teoria da comunicação em nada, mas pode apenas enriquecer e revigorar o campo, ao mesmo tempo que melhora sua relevância cultural. Devemos reconhecer, no entanto, que descolonizar o campo significa aceitar alguns ajustes na equação de poder acadêmico em conselhos editoriais e afins, mais do que apenas acolher novas ideias em princípio.

OD: *Em **Constructing theories in communication research** (2013), o senhor questiona se as teorias da comunicação podem expressar princípios universais que se aplicam a todas as culturas, ou se o fenômeno da comunicação é culturalmente variável – sendo assim, haveria de se pensar em teorias específicas*

para cada cultura. A que resposta chegou para este questionamento?

RC: A conclusão a que chego é que a comunicação é universal e culturalmente variável. O crescimento global dos estudos acadêmicos de comunicação segue e potencialmente acelera a globalização da própria comunicação, como um conceito cultural e como um campo de prática social, mas o conceito globalizado de comunicação pode colidir com as culturas locais, em relação às quais deve, então, ser ajustado ou “glocalizado” para se tornar relevante para as práticas locais. O movimento descolonizante nos estudos da comunicação que acabamos de discutir é talvez uma manifestação desse processo, no qual as concepções locais de comunicação se retroalimentam para influenciar o global. Acredito que qualquer conceito de comunicação, independentemente de sua origem cultural, é potencialmente universal na medida em que pode ser interpretado e tornado relevante para a comunicação em qualquer contexto cultural. Mas isso implica que um conceito universal pode ser interpretado de maneira diferente e ter significados diferentes em cada cultura local. Nessa suposição, sigo a hermenêutica filosófica, que afirma que os princípios universais assumem significados diferentes à medida que são aplicados a cada nova situação prática. Assim, as teorias da comunicação de base cultural devem ser bem recebidas por todos, porque se tornam recursos potencialmente universais para a compreensão dos problemas e práticas de comunicação, embora com significado prático um pouco diferente em diferentes épocas e lugares. Esta é a base para o diálogo multicultural no campo da teoria da comunicação. A variabilidade cultural na teoria da comunicação não é, portanto, um problema, mas a dominação cultural pode ser um problema e deve ser combatida quando distorce o diálogo multicultural no campo global.

OD: *Enquanto estudioso do pensamento comunicacional, quais os desafios que o senhor enxerga para o amadurecimento do campo acadêmico? E que tendências para os estudos de comunicação?*

RC: Minha expectativa realista é que o campo da comunicação em um futuro próximo continuará a se consolidar institucionalmente como uma disciplina acadêmica internacional, ao mesmo tempo que continuarão a proliferar áreas de especialidades sub e interdisciplinares e abordagens sem levar em conta um núcleo teórico coerente. Na melhor das hipóteses, esse processo de consolidação institucional simultânea e fragmentação intelectual produzirá algo semelhante à “pós-disciplina” dinamicamente inovadora que Waisbord (2019) imaginou. No entanto, a discussão de nossa identidade e propósito disciplinar deve continuar, a fim de dar algum sentido à nossa consolidação

institucional, mesmo que não possamos realisticamente esperar que essa discussão produza uma disciplina totalmente coerente. Eu gostaria de pensar que o conceito de disciplina prática contribui com algo útil para a discussão da identidade e propósito disciplinar, porque revela um fio condutor que permeia nossas diversas atividades em pesquisa e educação em comunicação, que potencialmente une o campo e explica a importância social do nosso trabalho. Já somos uma disciplina prática em muitos aspectos e poderíamos continuar a nos desenvolver bem nessa direção.

Em uma visão mais ampla, o destino do campo acadêmico da comunicação depende do destino da comunicação em si – quero dizer, comunicação como um conceito e prática cultural, não como um simples fenômeno físico-biológico. A comunicação neste último sentido continuará, é claro, de alguma forma enquanto o mundo continuar, mas o futuro cultural da comunicação é menos certo. A ascensão global da comunicação pode ser parcialmente explicada como resultado de forças tecnológicas e econômicas, mas as tendências culturais associadas à modernidade e à globalização também estão envolvidas, e a ascensão da comunicação trouxe consigo uma certa expectativa de que a informação, o diálogo democrático e uma melhor comunicação em geral possam ser um instrumento do progresso humano. Cada vez mais, os problemas pessoais e sociais são enquadrados como problemas de comunicação, e espera-se que nossa disciplina ofereça soluções práticas. Parece-me que a legitimidade de nossa disciplina depende dessas crenças culturais sobre a importância da comunicação e a relevância de nosso trabalho para melhorar a comunicação.

No entanto, não há garantia de que essas tendências culturais de incentivo continuarão. Com o surgimento da comunicação, vem a mudança social que pode entrar em conflito com as ideias e instituições tradicionais (Craig, 2013a). Os conservadores religiosos e culturais podem associar a ideia de comunicação, por exemplo, à ideia de que devemos resolver nossas diferenças por meio do diálogo, com tendências indesejáveis ao relativismo e ao secularismo. Outros podem associar a ideia de comunicação à fraqueza em situações que seriam mais eficazmente resolvidas por meio do exercício do poder, talvez incluindo violência ou ameaças. As tendências em direção ao autoritarismo político e ao desenvolvimento cínico e ao uso dos meios técnicos de comunicação para fins de guerra, manipulação e desinformação minam a legitimidade normativa da comunicação como prática social. Nossa disciplina não pode prosperar em uma cultura tão tóxica, e, como disciplina prática, somos chamados a resistir a isso.

Referências

- ANDERSON, James A. 1996. *Communication theory: epistemological foundations*. New York, The Guilford Press.
- BERGER, Charles R. 1991. Communication theories and other curios. *Communication Monographs*, **58**:101-113. doi.org/10.1080/03637759109376216
- BOROMISZA-HABASHI, David. 2013. Which way is forward in communication theorizing? An interview with Robert T. Craig. *Communication Theory*, **23**(4):417-432. doi.org/10.1111/comt.12025
- CRAIG, Robert T. 2006. A path through the methodological divides. *KEIO Communication Review*, 28:9-17. Disponível em: www.mediacom.keio.ac.jp/publication/pdf2006/review28/01_Brenda%20DERVIN.pdf. Acesso em: 4 fev. 2021.
- CRAIG, Robert T. 1989. Communication as a practical discipline. In: Brenda DERVIN; Lawrence GROSSBERG; Barbara J. O'KEEFE; Ellen WARTELLA (ed.), *Rethinking communication*. Newbury Park, Sage, p. 97-122.
- CRAIG, Robert T. 2008. Communication in the conversation of disciplines. *Russian Journal of Communication*, **1**(1):7-23. doi.org/10.1080/19409419.2008.10756694
- CRAIG, Robert T. 1999. Communication theory as a field. *Communication Theory*, **9**(2):119-161. doi.org/10.1111/j.1468-2885.1999.tb00355.x
- CRAIG, Robert T. 2013a. Communication theory and social change. *Communication & Social Change*, **1**(1):5-18. doi.org/10.4471/csc.2013.01
- CRAIG, Robert T. 2013b. Constructing theories in communication research. In: Paul COBLEY; Peter SCHULZ (ed.), *Theories and models of communication*. Berlin, De Gruyter Mouton, p. 39-57.
- CRAIG, Robert T. 2018a. For a practical discipline. *Journal of Communication*, **68**(2):289-297. doi.org/10.1093/joc/jqx013
- CRAIG, Robert T. 2007. Pragmatism in the field of communication theory. *Communication Theory*, **17**(2):125-145. doi.org/10.1111/j.1468-2885.2007.00292.x
- CRAIG, Robert T. 2018b. Reframing the paradox of pluralism as a communication problem. *Javnost — The Public*, **25**(1-2):193-201. doi.org/10.1080/13183222.2018.1418816
- CRAIG, Robert T. 2021. Response. In: Marc Howard RICH; Jessica S. ROBLES (ed.), *Practicing communication theory: exploring, applying, and teaching the constitutive metamodel*. San Diego, Cognella, p. 191-210.
- CRAIG, Robert T. 2015. The constitutive metamodel: a 16-year review. *Communication Theory*, **25**(4):356-374. doi.org/10.1111/comt.12076
- CRAIG, Robert T. 1993. Why are there so many communication theories? *Journal of Communication*, **43**(3):26-33. doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01273.x
- CRAIG, Robert T.; MULLER, Heidi L. (ed.). 2007. *Theorizing communication: readings across traditions*. Thousand Oaks, Sage.
- DONSBACH, Wolfgang. 2006. The identity of communication research. *Journal of Communication*, **56**(3):437-448. doi.org/10.1111/j.1460-2466.2006.00294.x
- JENSEN, Klaus Bruhn. 2021. *A theory of communication and justice*. London, Routledge.

- MARTINO, Luiz C.; CRAIG, Robert T.; BERGER, Charles R. 2007. *Teorias da comunicação: muitas ou poucas?* Cotia, Ateliê Editorial.
- NEUMAN, W. Russell. 2016. *The digital difference: media technology and the theory of communication effects*. Cambridge, Harvard University Press.
- RICH, Marc. 2015. Spiritual debate in communication theory: Craig's metamodel applied. *Journal of Communication and Religion*, **38**(2):134-153.
- RUSSILL, Chris. 2008. Through a public darkly: reconstructing pragmatist perspectives in communication theory. *Communication Theory*, **18**(4):478-504. doi.org/10.1111/j.1468-2885.2008.00331.x
- WAISBORD, Silvio. 2019. *Communication: a post-discipline*. Cambridge, Polity Press.

Artigo submetido em 25/01/2022

Aceito em 12/07/2022